

MEMÓRIA E INSERÇÃO SOCIAL DOS FEBIANOS: O CASO DO SOLDADO EDMUNDO BUDKE

Leomar Rippel*
Ronaldo Zatta**

RESUMO:

No início do ano de 1942, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, o Governo brasileiro declarou guerra aos países do Eixo posicionando-se a favor dos Aliados, por tal motivo foram enviados vinte e cinco mil homens, que constituíram a FEB – Força Expedicionária Brasileira, para a zona de combate na Itália. As tropas brasileiras deram apoio às forças americanas em combate constituindo a primeira tropa racialmente integrada que atuou naquele front, participando de vários feitos importantes que culminaram na antecipação do fim da guerra na Europa. Mesmo obtendo conquistas importantes no teatro de operações tais homens foram desmobilizados sem amparo pelo Estado e marginalizados pelo Exército. Amparados na História Oral procuramos historiar o percurso de pugna do soldado Edmundo Budke pelo reconhecimento social.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial, Exército e Pracinha.

ABSTRACT:

In early 1942, during World War II, the Brazilian government declared war on the Axis countries positioning themselves in favor of the Allies, for such a reason they were correspondents twenty-five thousand men that constituted FEB - it Forces xpeditionary Brazilian for the combat area in Italy. The Brazilian troops gave support ace American forces in combat constituting the first troop racialmente integrated that it acted in that front, participating in several important facts that you/they culminated in the anticipation of the end of the war in Europe. Same obtaining important conquests in the theater of operations such men was demobilized without help by the State and marginalized by the Army. Aided in the Oral History tried to historize the course of soldier's Edmundo Budke conflict for the social recognition.

Key-words: Second World War, Army and Pracinhas.

* Graduado em História pela UNIPAR-Campus de Francisco Beltrão, Especialista em Metodologia do Ensino de História pela UNIPAR- Campus de Francisco Beltrão e mestrando em História Regional da Universidade de Passo Fundo (UPF). leomarrippel@hotmail.com

** Graduado em História pela UNIPAR-Campus de Francisco Beltrão e Mestre em História Regional pela Universidade de Passo Fundo (UPF). ronaldozatta@yahoo.com.br

Considerações Iniciais

Neste ensaio procuramos decorrer sobre a segunda Guerra Mundial, a participação brasileira no referido evento, mais precisamente a participação de Edmundo Budke, último febiano ou pracinha vivo no Sudoeste do Paraná, sendo assim é inevitável que não nos deslocasse, para o fim da Primeira Guerra Mundial, pois entendemos que a Segunda Guerra é consequência direta dos acordos do fim da primeira.

Ao término da Primeira Guerra Mundial, primeiro conflito multinacional do século XX, os países europeus em sua grande maioria estavam profundamente arruinados e desgastados com as enormes cifras da guerra. Com a derrota alemã o país teve que se submeter aos desígnios do Tratado de Versalhes, assinado em 28 de junho de 1919. A partir deste documento a Alemanha via-se forçada a devolver vastos territórios, (Alsácia-Lorena) que a mesma havia conquistado da França na Guerra Franco Prussiana de 1870 e 1871, pagar pesadas indenizações aos países vencedores, diminuir o contingente do exército para cerca de 100 mil soldados, abandonar sua famosa frota aérea Luftwaffe, incluindo também, diminuir sua marinha. Portanto estava lançada a semente que germinaria a Segunda Guerra Mundial, gerando um clima de revanchismo entre os germânicos nacionalistas (AURÉLIO, 2009, p. 14 – 15).

Os Estados Unidos da América mantiveram-se neutros em quase todo o conflito, aderindo-o apenas no final em 1917, com esta estratégia de “neutralidade” foi o país que mais se beneficiou com o término da guerra, se tornando a maior potência econômica e militar do planeta, se transformando no dínamo do capitalismo mundial, passaram de maior devedor do mundo (três bilhões de dólares) para o maior credor do mundo (11 bilhões de dólares), poderíamos dizer uma marca invejável. O “conflito enfraqueceu a posição européia no mundo e fortaleceu a dos Estados Unidos, embora esta situação não tenha sido claramente percebida na época” (VIZENDI, 1989, p. 11).

A Europa arruinada com a guerra precisou ser reconstruída o mais rápido possível, devido ao risco de uma revolução socialista a exemplo de Rússia em 1917. E

os recursos financeiros para a reconstrução vieram principalmente dos Estados Unidos da América, sendo assim que mais se preocupava com o comunismo, o mesmo ocorreu com a produção industrial norte americana, direcionando grandes quantias para atender o mercado consumidor europeu. Os Estados Unidos da América produziam neste período em torno de 1/3 da produção industrial mundial. Este crescimento econômico gerou euforia especulação financeira sem precedentes, que culminou com a grande depressão de 1929, (crise do liberalismo), abalando o mundo todo, exceção da União Soviética onde o Estado mantinha forte intervenção, neste período estava havendo a execução dos planos quinquenais de Stalin.

Sendo assim os países que mantinham relações comerciais com os Estados Unidos da América, que dependiam apenas de um produto de exportação para manter o saldo positivo da balança comercial, como é o caso do café brasileiro na época, foram fortemente afetados pela crise, pois houve o repatriamento do capital americano investidos em outros países, portanto o capital externo volta ao para o país de origem.

A partir de meados dos anos 1920 a produção industrial européia já poderia atender a maioria de seu consumo interno dispensando então a importação de produtos proveniente dos Estados Unidos da América. Mas a produção industrial norte americana continuava com ritmo acelerado, nesse sentido a produção em larga escala não foi toda ela consumida internamente o que resultou numa grande estocagem de mercadorias, ou seja, o consumo não cresceu o mesmo ritmo que a produção.

O período entre o fim da primeira Guerra Mundial e início da Segunda Guerra conhecido como período Entre Guerras, iniciou-se na Europa um fenômeno conhecido como nazi-fascismo, com características nos seguintes pontos, anti-liberalismo, anticomunismo, nacionalismo, militarismo, autoritarismo, idealismo, romantismo, anti-semitismo. Sendo a Alemanha o país mais atingido pela grande depressão, o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemão (NSDAP, ou Nazista) e o Partido Comunista da Alemanha (KPD), não paravam de crescer. Portanto a preocupação de uma revolução socialista é eminente no país, a direita internacional e as potências ocidentais estão atentas a este fato colaborando para salvar a Alemanha de Weimar de uma possível revolução, limitando as indenizações devidas e permitindo o rearmamento

do país. O clima de tensão no continente europeu ficou mais tenso com a ascensão de Hitler no poder na Alemanha. Dessa forma estavam lançado as bases para um novo conflito mundial que iniciará formalmente em 1939.

Brasil no contexto Entre Guerras

Com a crise de 1929 o Brasil deixou de vender milhões de sacas de café principal produto da divisa cambial este fato desgastou ainda mais as estruturas do sistema político denominado de República Velha. Diante dos acontecimentos externos que contribuíram para desgaste da República Velha, outros fatos internos também contribuíram para o fim deste sistema político, dentre eles está na ruptura entre a oligarquia de Minas Gerais e São Paulo, culminando com o Golpe de 1930, a partir daí o Brasil passa a ser governado por Getúlio Vargas até 1945, a primeira fase de 1930 a 1934, provisória, de 1934 a 1937 constitucional, de 1937 a 1945 Autoritária (Estado Novo) esta última fase, embora com suas especificidades, era semelhantes ao nazi-fascismo europeu.

Durante a Segunda Guerra Mundial o Brasil estava sob uma ditadura implantada por Vargas, que devido sua habilidade política procurou manter o Brasil em posição de neutralidade, visando obter vantagens econômicas para o país, fazendo acordos econômicos com os aliados nas palavras de Skidmore:

A partir de 1941, o Brasil passou a fazer acordos apoiando os Aliados. Em troca de seu apoio, o governo de Vargas conseguiu arrancar dos Estados Unidos grande parte do financiamento que necessitava para a construção da Usina de Volta Redonda, obra de grande importância para a industrialização do país. De sua parte, o Brasil comprometeu-se a fornecer borracha e minério de ferro para os Aliados e permitiu que militares norte-americanos fossem enviados para bases militares instalados no nordeste (SKIDMORE, 1998, p. 280).

Com a cooperação do Brasil aos aliados a Alemanha reagiu torpedeando nove navios brasileiros, afundando e matando aproximadamente 600 pessoas. Com este fato, associado às manifestações internas, em 31 de agosto de 1942 Getúlio Vargas declara Guerra às potências do Eixo. Percebemos, no entanto uma contradição na política

externa de Vargas, o Brasil estava sob uma ditadura fascista e foi lutar contra ela no continente europeu. No ano de 1944, partiram para a guerra as primeiras tropas brasileiras, a FEB - Força Expedicionária Brasileira, que contou com um contingente de aproximadamente 25 mil soldados que participaram de diversas batalhas.

Dentre os fatores que levaram o Brasil a participar da guerra pode ser citados ainda a posição geográfica e a sua extensão litorânea que ocupava a parte mais estreita do Atlântico próximo à África. De importância estratégica militarmente tornou-se impossível manter a situação de neutralidade, pois havia pressão internacional para que o nordeste brasileiro fosse ocupado preventivamente estabelecendo linhas áreas que ligassem a África e ao Oriente para suporte logístico, o que se tornou realidade no ano de 1941.¹

Um personagem anônimo: Edmundo Budke.

Através de contato com o 16º Esquadrão de Cavalaria Mecanizado sediado na cidade de Francisco Beltrão, tivemos a informação do último pracinha sobrevivente integrante da FEB na região do sudoeste paranaense, o soldado reformado Edmundo Budke. O Sr. Edmundo residente a cidade de Capanema – PR, com 89 anos de idade.

Fora realizado o contato com a família dia 05/08/2010 e marcado posteriormente uma entrevista para dia 07/08/2010. Edmundo estivera hospitalizado por cinco dias, e a três havia recebido alta, devido a sua idade avançada e diversos problemas de saúde foi notório que o mesmo havia esquecido muito das suas vivências.

Nossa intenção com a entrevista, em primeiro instante, era relatar a experiência do Sr. Edmundo Budke durante a Segunda Guerra Mundial, nessa perspectiva estávamos cientes de fugir da história tradicional dos “grandes” homens e heróis da Segunda Guerra Mundial, e entrevistar alguém até então considerado “insignificante” para a história. Como nossa entrevista não tinha a intenção de ser rígida deixamos o entrevistado ficar a vontade, e falar livremente tomando cuidado para não fazer muitas interrupções. Esta linha de ação nos proporcionou a percepção de um fato importante e

curioso além dos relatos de sua experiência da Guerra, a luta dos ex-combatentes da FEB continuou após o combate, a batalha pelo reconhecimento social.



Foto 1. Ex-combatente da FEB, Soldado Edmundo Budke. Fonte: Elaborada para este estudo no dia 07/08/2010.

A partir de então se fez necessário novas adaptações em relação à pesquisa, pois há um consenso considerável de que é nesse sentido que a História Oral privilegia “a voz dos indivíduos, não apenas dos grandes homens, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos ou “vencidos” da história. À história que tradicionalmente esteve voltada para os heróis, os episódios, as estruturas” (FREITAS, 2003, P. 51). Por isso a necessidade de entrevistá-lo, e realizar um trabalho onde não apresenta as grandes sínteses com a voz dos “grandes homens, heróis”, oficiais de alta patente, como tem ocorrido, mas dando a palavra aos esquecidos pela história,

Até a década 70 do século passado a historiografia brasileira estava fortemente influenciada pela historiografia positivista, que privilegiava os grandes vultos, datas,

heróis, fatos. Porém a partir de então os trabalhos historiográficos, vem dando vós e vês aos ditos “anônimos”. No que tange a historiografia militar da segunda Guerra Mundial, não foi diferente onde o soldado era apresentado apenas como uma estatística, números em um dos acontecimentos mais dramáticos da história mundial, ela abarcou de forma geral as abordagens memorialistas e monumentalistas, sobre: táticas, campanhas, batalhas e biografias de generais e comandantes, ou seja, os grandes vultos da história.

Nos últimos anos assistimos nas ciências sociais a utilização mais freqüentes das fontes orais, onde coloca o individuo “comum” no centro dos objetos de estudos, sendo assim, “permite a documentação de pontos de vista diferentes ou opostos sobre o mesmo fato, os quais, omitidos ou desprezados pelo discurso do poder, estariam condenados ao esquecimento” (FREITAS, 2003, P. 48). As grandes abordagens de conjuntura embora importantes para apontar alguns parâmetros, demonstram insuficiência perante a complexidade e fragmentação da sociedade atual. A história oral fornece mecanismos de aproximação aos indivíduos considerados “insignificantes” pela história tradicional, pois “a história oral fornece oportunidade de reconstruir aspectos de personalidades individuais inscritas na existência coletiva” (TEDESCO, 2004, 110).

Obviamente que a história oral não é a solução de todos os problemas, ela pode não ser inovadora por se tratar da oralidade, mas serve de contraponto ao positivismo, onde a história da sociedade é regulada por leis biológicas e físicas, onde a sociedade estava submetida a um processo evolucionista e linear, podemos também apontar ao marxismo ortodoxo esta critica. A história oral como salientado anteriormente não é a solução das ciências sociais, mas pode sim apontar parâmetros e formas de abordagens que a história tradicional não é capaz de abarcar, porém, ela exige método e técnica na sua utilização.

Como afirma Tedesco:

a história oral é uma fonte, um documento diferente, que pode ser uma entrevista gravada, a qual necessita de localização, identificação dos atores em seu contexto. [...]. A história oral pode ser vista como disciplina que possui técnicas específicas de pesquisa, procedimentos metodológicos singulares e um conjunto próprio de conceitos. [...]. Pode ser vista, como metodologia, ou seja, não como uma simples técnica nem como simples ordenamento de procedimentos de trabalho (TEDESCO, 2004, 114).

A fonte oral é uma fonte viva, inacabada, nunca exaurida, é importante que o pesquisador, sendo ele historiador, antropólogo, sociólogo, enfim cientistas sociais saibam que a História Oral implica imaginação e subjetividade, necessita, portanto, um conhecimento prévio do conteúdo abordado, colher a informação, criar seu próprio arquivo e acima de tudo conservar de forma segura, pois o que parecer irrelevante e sem significado hoje amanhã pode ser de extrema importância para outro pesquisador.

Sabemos nós que a memória é dinâmica, portanto não é fixa. Ela é composta da multiplicidade das imagens que constituem vários passados, ela atende às necessidades e solicitações do presente. Essa relação é capaz de estabelecer contemporaneidade com o passado pela voz do narrador; dessa forma, o passado é restaurado no presente. Às várias gerações transmitem-se tradições pelo veio da oralidade, imprimindo subjetividades, contextualizações, (re)apropriações de representações passadas e presentes, ajustadas e compartilhadas às atuais identidades individuais e grupais. Por isso a atenção do pesquisador de ter método e técnica, em se cercar de cuidados quando trabalhar com oralidade. Memória é ação contextualizada, e busca estratégias no contexto para se contextualizar, por isso é passível de modificações. A história oral revela subjetividade, identidades e diferentes experiências de vida, a recordação poderá variar de acordo com a mudança de identidade pessoal, que leva a novas interpretações do passado.

Edmundo Budke e a Segunda Guerra Mundial

Tanto se tem falado dos grandes feitos dos generais brasileiros da Segunda Guerra Mundial, e muito se tem explorado os personagens anônimos, diante disso nos perguntamos, nas patentes mais baixas da FEB quais eram as extratificações sociais dos soldados? Veremos o que nos diz o Major Elber de Mello Henriques:

infelizmente, o entusiasmo guerreiro das ruas não tomou o caminho dos quartéis. Foi inexistente o voluntariado. Os apelos das autoridades militares, chamando para as fileiras da tropa expedicionária a todos os homens aptos, ficaram sem eco entre as elites mais expressivas. Oradores de comícios de véspera, chamados à incorporação alegaram,

ao apresentar-se que se achavam amparados por dispositivos legais que isentavam de servir ao exército. E assim a força expedicionária brasileira teve de ser organizada com a juventude pobre do Brasil (HENRIQUES, 1959).

Edmundo Budke, nascido na cidade de Lageado – RS, em 09 de novembro de 1920, alistou-se segundo ele em 1939, e prestou serviço militar até 1945 por ocasião do término da guerra. Relata ainda que a sua prestação do serviço militar obrigatório ocorreu na cidade de Santo Ângelo-RS, sendo praça da artilharia, que não lembra o dia em que foi convocado para a guerra, porém lembra a forma com que foi convidado para ir para o palco o teatral da Guerra: devido sua função de ordenança² do capitão comandante da Cia (companhia). Sendo assim o Sr. Edmundo Budke em nenhum momento esteve em combate ou front de batalha.

Como salientado anteriormente, devido principalmente da sua idade avançada de 89 anos, o Sr. Edmundo Budke apresenta dificuldades em relatar as lembranças do seu passado, sendo assim não lembra o dia em que foi convidado para fazer parte da FEB, mas lembra como foi. Segundo ele o capitão comandante da companhia convidou-o para visitá-lo, pois gostaria de ter uma conversa séria com ele. Chegando a casa de seu superior, o capitão pediu para sua esposa oferecesse cerveja e numa conversa informal lhe convidou para seguir para a Segunda Guerra Mundial.

Ilustrando esta conversa nosso personagem relata da seguinte forma o convite de seu chefe militar: “Edmundo eu foi escalado para a guerra, você que i junto? eu disse.....acho difficil.... daí eu disse vomo... daí ele me abraço e disse entom se apronta que janeiro nós vai”.³

A viagem que levou Edmundo para a Itália durou 19 dias e 20 noites, porém foi destacado para servir em local diferente do desembarque, qual não lembra o nome, motivo que fez prosseguir andança para o lugar de campanha. Afirmo ainda que o navio que levou os soldados brasileiros para Itália era americano, neste sentido o “transporte da tropa brasileira para o teatro de guerra europeu coube ao Exército aliado estadunidense, se tornou sua responsabilidade o retorno dos febianos” (NASS, 2005, 55).



Foto 2 – Medalha de honra do 4º Corpo do 5º Exército Americano concedida ao Sr. Edmundo Budke.
Fonte: Arquivo pessoal de Sr. Edmundo Budke em 07 de Agosto de 2010.

Afirma Edmundo que o treinamento militar para o combate se deu em solo italiano onde juntamente com seus companheiros tiveram três meses de adestramento. Sob o comando militar dos americanos a preparação para a guerra se deu basicamente em progredir em campos italianos e atirar, ou como nosso personagem prefere se referir “*caminhar e atirar*”. A chefia dos americanos apontada por Edmundo faz referencia à incorporação da FEB ao 4º Corpo do V Exército Americano, sob o comando do General Mark Clark, lembrança que está eternizada pela a medalha recebida do 4º Corpo do V Exército Americano. A imagem anterior.

Em relação à comida Edmundo fala que, apenas nas quartas-feiras era servida brasileira, restando ao outros dias a “*comida na lata*”, referindo-se à ração operacional americana utilizada pelos militares em operações. Já no que diz respeito ao clima segundo ele era muito frio, mas melhorou quando ele começou a trabalhar no rancho⁴, enquanto outros cuidavam dos combates e treinamentos.

Perguntado como eram os comandantes na guerra, se eram autoritários ou motivacionais ele responde “*Era tudo manso, era os americano que era nosso chefe*”. Perguntado qual a experiência pessoal ou a lição que o mesmo havia tirado da guerra ele disse alguém “*queria manda no povo [...] queria se o chefe do mundo mais não conseguiu*”. Mesmo não elaborando uma análise crítica aprofundada do conflito e apresentando diversas incoerências dos fatos históricos, quais se relacionam à sua avançada idade e aos diversos problemas de saúde, Sr. Edmundo demonstra ter ciência de ter participado de um dos fatos mais importantes da História da Humanidade, demonstrando orgulho de ter ido à guerra e participado de forma indireta do combate cumprindo funções de apoio em bases militares. Postura que o faz dizer que afirmativamente que seria voluntário novamente para ir à guerra, caso fisicamente estivesse capaz.

Com a chegada no Rio de Janeiro após o término da guerra na Europa, Edmundo lembra-se da recepção pelo então Presidente da República Getúlio Vargas, que contraditoriamente governava a nação de forma autoritária, mas, mandou os soldados brasileiros lutar em solo europeu em prol da democracia. Neste encontro o pracinha recebeu a medalha da FEB, como mostra a imagem nº 3.



Foto 3 - Medalha de honra da FEB. Fonte: Arquivo pessoal de Sr. Edmundo Budke em 07 de Agosto de 2010.



Figura 4 – Distintivo “A Cobra Fumou”. Fonte: Arquivo pessoal de Sr. Edmundo Budke em 07 de Agosto de 2010.

Ao término da guerra os pracinhas desembarcaram no Rio de Janeiro recebendo as devidas homenagens, entre elas como visto anteriormente a medalha de honra da FEB, onde permaneceram até o momento da baixa ou dispensa que ocorreu no mês de novembro de 1945. Ao ser dispensado juntamente com todo o efetivo da FEB o Sr. Edmundo retornou seu estado de origem viajando de trem do Rio de Janeiro até Cruz Alta-RS, onde seguindo de ônibus voltou para a cidade de Horizontina-RS onde residia com sua família.

Com o fim do conflito na Europa os pracinhas iniciaram a guerra pelo reconhecimento. No caso de Edmundo Budke somente em 1980 procurou se orientar em relação a possíveis direitos adquiridos por sua estadia em zona de combate italiana; e posteriormente cinco anos de batalha contra a burocracia governamental conseguir a reforma militar, ou seja, quarenta anos do término da guerra.

Após casar-se no ano de 1961 no município de Horizontina-RS, Edmundo viu no sudoeste do Paraná uma possibilidade de melhoria de vida, desta forma acompanhou a corrente migratória interna iniciada ainda no Governo Vargas que visava aliviar o inchaço demográfico nas colônias italianas e alemãs do Rio Grande do Sul ao mesmo tempo em que ocupava a região de matas paranaense próximas à fronteira com a República Argentina.



Foto 4. Casa de pau-a-pique. Primeira casa de Edmundo Budke e de sua família no interior de Capanema-Pr. Fonte: Arquivo pessoal de Sr. Edmundo Budke em 07 de Agosto de 2010.

Edmundo não foi o único febiano ou pracinha que migrou para a região em busca de melhores condições de vida, tem diversos outros casos de ex-combatentes que se dedicaram em atividades laborais distintas como o comércio e a agricultura na região estudada logo após serem dispensados com descaso pelo Estado e o próprio Exército Brasileiro.

Considerações finais

Este ensaio não tem a pretensão de realizar uma defesa à guerra muito menos uma apologia a FEB, mas sim uma tentativa de demonstrar o que realmente aconteceu com os “anônimos”. Pois a exaltação aos generais é feita as quatro ventos enquanto os soldados de baixa patente na hierarquia militar foram relegados ao esquecimento no pós-guerra. Os que realmente lutaram foram olvidados! A história de vida de Edmundo Budke nos proporciona respaldo para confirmar tal asseveração.

É importante salientar que poucos eram os soldados brasileiros profissionais enviados para o combate, Edmundo abona esta versão ao relatar que o treinamento para guerra deu-se apenas em “*atirar e andar*” ensinado pelos americanos em terras italianas. A artilharia teve a possibilidade de treinar no Brasil antes de partir, sendo que dos três contingentes da infantaria apenas um teve a mesma sorte. A FEB, em sua grande maioria, era formada de soldados que praticamente estavam sem instrução alguma e que jamais haviam praticado manobras condizentes com a realidade do combate a ser travado. Neste sentido o Prof. Dr. Dennison de Oliveira nos informa que:

Metade dos oficiais subalternos eram reservistas, e também cerca de metade dos efetivos eram recém-recrutados (a maioria oriunda da zona rural e com baixos níveis de saúde e educação). A maior parte do oficialato da ativa conseguiu escapar do envio para a guerra. Justamente os mais pobres e menos instruídos, com poucos contatos sociais influentes que lhes permitissem se evadir, é que foram recrutados. Como admitiu o chefe do Estado-Maior da Força Expedicionária Brasileira (FEB) ao embarcar no navio que levaria nosso primeiro escalão de combatentes para a Europa: “A bordo, só estavam os que não conseguiram escapar”.⁵

O personagem anônimo deste ensaio fez parte dos 1500 voluntários de um total de 25.000 homens enviados para guerra, o que nos permite concluir que mesmo com o entusiasmo brasileiro em relação à guerra, somente os pobres e sem influências políticas partiram, e que em sua grande maioria foram forçados a embarcarem.

Tem se o conhecimento que os exércitos dos países aliados eram tropas segregadas, ou seja, havia uma divisão entre negros, brancos e asiáticos. A FEB foi a primeira tropa miscigenada, ou melhor, dizendo racialmente integrada. No entanto já está confirmada a repetição de ordens que proibiam a participação de soldados não-brancos em demonstrações públicas, guarda de honras e recepções de autoridades. Quando isso não fosse possível ficava a determinação que os indesejáveis fossem colocados nas fileiras interiores com o intuito de serem menos percebidos. Neste sentido os postos de comando eram dados aos brancos, e exclusivamente a eles quanto ao oficialato. O Exército brasileiro suportava a mesma discriminação racial proporcionada pela sociedade brasileira deste período histórico.

Mesmo com todo o despreparo as tropas brasileiras lograram êxito em combate na Itália,

das cinco tentativas de tomar o famoso Monte Castelo, as três últimas foram feitas exclusivamente com tropa e comando brasileiros. A tomada de Montese e a captura da 148.^a Divisão de Infantaria alemã também foram efetuadas exclusivamente por tropa brasileira. Na fase final da campanha da Itália, a FEB agia conjuntamente com a 10.^a Divisão de Montanha norte-americana, levada para esse front justamente para precipitar o fim da guerra na Itália.⁶

Ações militares que renderam às tropas brasileiras um saldo de 443 mortos em combate, 1500 feridos e 8000 doentes por ocasião do rigoroso inverno europeu que chegou a marcar 20 graus negativos em áreas de conflito. O heroísmo em combate proporcionou aos febianos, conforme relatou Edmundo, uma recepção eufórica por ocasião do retorno ao Brasil, transformando os febianos em pessoas bem-conceituadas, sendo recebidas e homenageadas com medalha pelo Presidente da República.

Mas este caloroso atendimento durou pouco, sobejou aos ex-combatentes somente a sorte lançada para a reintegração social ao meio civil. A luta diária de inserção social principalmente no mercado de trabalho dificultado pelos diversos

traumas psicológicos e enfermidades físicas contraídas na guerra fez parte do dia-a-dia dos febianos que foram dispensados sem a realizar exame médico, qual futuramente fosse importante para aquisição de pensões previdenciárias decorridas de problemas contraídos em combate.⁷ Vemos na **Foto 4** a situação de desamparo que levou o ex-combatente Edmundo Budke a levar sua família se asilar em uma casa de pau-a-pique no sudoeste do Paraná após ser dispensado pelo Exército.

Não diferente dos outros pracinhas, Edmundo Budke conseguiu receber sua pensão somente quarenta anos após voltar da guerra, mesmo dando entrada na documentação que comprovasse o direito adquirido, passou cinco anos de provação se submetendo a diversos tipos de vexames e sacrifícios para provar sua estadia em zona de guerra, que seria desnecessária se tivesse ocorrido uma dispensa de forma justa e racional.⁸

Nos dias atuais vemos o Exército realizando solenidades para homenagear os veteranos de guerra, pracinhas ou febianos que ainda estão vivos. No entanto nem sempre foi assim! Esta mesma instituição fez o admissível para marginalizar e desprestigiar quem esteve na linha de frente, no front do combate. Pois, “*havia enorme preconceito e inveja daqueles que estiveram com a FEB e que, com seu sacrifício e dedicação, conquistaram numerosas glórias militares*”⁹ a enorme experiência militar contraída em confronto na Segunda Guerra Mundial foi desprezada, esquecida e inutilizada pelo Exército brasileiro. Contrariando até mesmo as orientações dos Estados Unidos da América, de que o Brasil apostasse na FEB como um núcleo de modernização e revitalização da Forças Armadas Brasileiras.

Referências bibliográficas

AURÉLIO, Daniel Rodrigues. *Segunda Guerra: a História Oficial e seus Heróis* Anônimos. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.

FREITAS, Sonia Maria de. *História oral: Possibilidades e procedimentos*. São Paulo: Imprensa Oficial SP, 2003.

HENRIQUES, Major Elber de Mello. *A FEB doze anos depois*. Rio de Janeiro: Bibliex. 1959.

NASS, Sirlei de Fátima. *Legião paranaense do expedicionário: Indagações sobre a reintegração social dos febianos paranaenses (1943 – 1951)*. Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná – UFPR, Curitiba, 2005.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma História do Brasil*. São Paulo: 1998.

TEDESCO, João Carlos. *Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração*. Passo Fundo: UPF Editora, 2004

VIZENDI, Paulo G. Fagundes. *Segunda Guerra Mundial*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1989.

Fontes

ENTREVISTA COM O SOLDADO EDMUNDO BUDKE, integrante da Força Expedicionária Brasileira, em 07 de Agosto de 2010.

ENTREVISTA COM O DOUTOR PROFESSOR DENNISON DE OLIVEIRA, Professor titular da UFPR, intitulada “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial”. Disponível em: www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrevista0124.asp. Acesso em: 22 de Novembro de 2010 às 20hrs30min.

Arquivo pessoal do Sr. Edmundo Budke, acesso em 07 de Agosto de 2010.

Notas

¹ OLIVEIRA, www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrevista0124.asp . Acesso em: 22 Nov 2010 às 20hrs30min

² Ordenança é um tipo de secretário militar que trabalha diretamente com o Comandante de uma Organização Militar.

³ Entrevista com o Sr. Edmundo Budke, Soldado integrante da Força Expedicionária Brasileira, em 07 de Agosto de 2010.

⁴ Refeitório militar.

⁵ ENTREVISTA COM O DOUTOR PROFESSOR DENNISON DE OLIVEIRA, Professor titular da UFPR, intitulada “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial”. Disponível em: www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrevista0124.asp . Acesso em: 22 Nov 2010 às 20hrs30min.

⁶ Idem.

⁷ A moral dos febianos no retorno para o Brasil fez com que o Governo Vargas adotasse ações rápidas de dissolução e dispensa da tropa. A FEB era vista como uma organização não confiável, pois acabara de vencer a luta na Europa contra ditaduras enquanto seu país vivia sobre um regime ditatorial. A política varguista fez o possível para erradicar a FEB e suas memórias, justamente pela sua importância no combate ao nazi-facismo europeu.

⁸ Para provar incapacidade decorrente do serviço na linha de frente e, assim, receber as pensões, os pracinhas tiveram de se submeter a todo tipo de vexames e sacrifícios, os quais seriam dispensáveis se sua desmobilização tivesse ocorrido de forma racional e planejada. Ao longo do tempo, várias leis de apoio aos ex-combatentes foram sendo promulgadas, até chegarmos à famigerada Lei da Praia, criada nos anos 60. De acordo com essa lei, qualquer pessoa que tivesse sido enviada à "zona de guerra" teria direito aos auxílios, pensões e promoções que estavam sendo reservados para aqueles que, de fato, foram à Itália. Mas acontece que, em todo o litoral do Brasil, vias navegáveis e cidades economicamente importantes se encontravam dentro dessa "zona de guerra". Dessa forma, o sujeito que estava de sentinela num *fox hole* (abrigo individual) nos Montes Apeninos, suportando temperaturas subárticas e todos os riscos de morte e invalidez, estava na "zona de guerra" tanto quanto o bancário ou o PM que havia sido transferido para uma cidade litorânea do Brasil. Ou seja, se essa lei auxiliou de fato os ex-combatentes, beneficiou também um enorme conjunto de servidores públicos, civis e militares que, ainda hoje, gozam de polpudas pensões, que fazem deles autênticos "marajás" entre os aposentados do serviço público. ENTREVISTA COM O DOUTOR PROFESSOR DENNISON DE OLIVEIRA, Professor titular da UFPR, intitulada “O Brasil e a Segunda Guerra Mundial”. Disponível em: www.aprendebrasil.com.br/entrevistas/entrevista0124.asp . Acesso em: 22 de Novembro de 2010 às 20hrs30min.

⁹ Ibidem.